

Adélia Prado: Interdito, transgressão e erotismo

Rodrigo Silva Gomes¹

Resumo: O artigo consiste em uma abordagem sobre o erotismo presente nas obras da poetiza brasileira Adélia Prado, problematizando suas possíveis inquietações diante do dilema entre prazer e culpa. Ainda pretende estabelecer uma relação entre o pensamento filosófico de Nietzsche, baseando-se em sua contraposição entre razão e instinto. Para isso, será conceituada a contraposição entre Apolo e Dioniso e os conceitos fundadores da modernidade capazes de sobrepor o primeiro pelo segundo, analisando as relações de poder e as relações que a moral cristã estabelece, configuradas em uma genealogia da culpa. Também demonstra o erotismo poético de Adélia através da obra de Georges Bataille, relacionando os conceitos de interdito e transgressão, promovendo e exaltando o corpo.

137

Palavras-chave: Adélia Prado; Instinto; Interdito; Erotismo; Corpo.

¹ Especialista em Filosofia Contemporânea e História pela Universidade Metodista de São Paulo (2014), Bacharel em Sociologia e Política pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (2011).

Abstract: This paper consists of a perspective on the present eroticism in the works of Brazilian poet Adélia Prado, discussing their possible concerns with the dilemma between pleasure and guilt. Still want to establish a relationship between the philosophical thought of Nietzsche, based on his opposition between reason and instinct. This will typically conceptualized the opposition between Apollo and Dionysus and the founding concepts of modernity able to override the first by the second, analyzing power relations and the relations that Christian morality down, set in a genealogy of guilt. It also demonstrates the poetic eroticism Adélia through the work of Georges Bataille, relating the concepts of interdiction and transgression, promoting and exalting the body.

Keywords: Adélia Prado; Instinct; Forbidden; Eroticism; Body.

Introdução

O propósito deste artigo é tratar a concepção do erótico presente nos poemas e na prosa de Adélia Prado, em particular nos poemas “A faca no peito” e “Bagagem” – primeira obra lançada por Adélia, em 1976, já aos 40 anos de idade, com a apreciação de Carlos Drummond de Andrade – e na prosa “Soltando os cachorros”, além de uma estreita relação do desejo e do prazer contraposta por uma concepção religiosa da culpa e de repressão ao corpo e ao sexo, analisando as possibilidades e as formas com as quais a poetiza lida e, possivelmente, supera tais percepções de angústias e subordinações.

Concebendo sua obra inteiramente pautada por uma linguagem sobre as suas experiências rotineiras, Adélia possibilita entender o quanto da religiosidade se faz presente diante das aflições e das aspirações corriqueiras da vida vivida. Contudo, tal influência religiosa contrapõe as necessárias experiências de suas relações com o sexo e com o corpo, possibilitando um dilema de sensações e aspirações possivelmente conflituosas ante as concepções eróticas que lhe são apresentadas, além de um sentimento de culpa que paira sobre os aspectos de seus textos e suas relações perante Deus, a igreja, o pecado e a penitência.

Em uma perspectiva mais conceitual sobre as relações estabelecidas diante do corpo e das manifestações que excedem os comportamentos ditos civilizados perante o trato diante do corpo, há aqui que, antes de se estabelecer as devidas aproximações e relações da escrita adeliana que evidenciam questões morais proporcionadas por sua religiosidade a respeito do erotismo, construir as possibilidades filosóficas produzidas sobre os conceitos que parecem caros para a elaboração deste artigo. Para tal, a argumentação de Nietzsche sobre a moral será um dos pilares ao qual esse trabalho se apoiará, além de sua construção sobre a noção do corpo e da força que age como impulso para a superação dos valores morais impostos. Ainda se servirá das estruturas fundamentadas sobre o conceito de erotismo por meio da obra de Georges Bataille, especificando suas construções sobre “interdito” e “transgressão”. Tais conceitos serão imprescindíveis para a análise dos poemas e da prosa de Adélia enquanto propulsora das sensações e das vontades inerentes aos acasos da vida.

Em Nietzsche, cabe a exposição crítica sobre o conceito de moral constituído de forma a garantir a subserviência dos fortes diante dos anseios

dos fracos, tendo sua gênese como a conhecemos hoje a partir da inversão entre as noções de “bom” e “ruim”, nas quais se constituem aspectos que subjagam a vida ao invés de promovê-la pro conta do juízo de valor empregado nas relações.

Ao construir uma narrativa que provoca a todo instante seu interlocutor, Nietzsche expõe a forma com a qual a linguagem e o poder contido no discurso moral, tanto religioso quanto científico, aprisionam o indivíduo. Tal realização moral de constituição de uma sociedade dos fracos dominando os fortes é o que torna o modo de vida moderno ocidental “decadente”². Para ele, o cristianismo estabelece uma concepção que, além de negar a vida e subjagá-la a um poder metafísico, aprisiona o indivíduo em conceitos morais que o tornam fraco, revertendo valores que antes eram características dos fortes, e conseqüentemente estabelecendo uma relação de poder diante deste indivíduo. Poder este constituído em todos os âmbitos sociais, inclusive “em sua relação com o próprio corpo e em suas relações perante os corpos alheios.” (NIETZSCHE, 2008, p. 17).

O que se deve suplantar do pensamento nietzschiano e suas concepções diante de seus conceitos até aqui apresentados – vontade de potência e transvaloração dos valores – é o que possibilitará análises e relações entre o interdito religioso e o erotismo que prevalece nos escritos de Adélia. Antes, porém, há aqui a necessidade de conceituar a estrutura teórica da qual as obras de Bataille expuseram as relações diante do sexo, mais propriamente das ações que capacitam o surgimento do erotismo. Através da teoria exposta por ele, temos a construção do erotismo permeada pelos conceitos de *interdito* e *transgressão* que podem conceder possibilidades para uma teoria conflituosa ante os dilemas expostos nos escritos de Adélia.

Há em Bataille a fórmula que pode elucidar questões a partir de uma significação erótica diante dos cerceamentos relativos aos aspectos do desejo sexual e da própria concepção de erotismo que, segundo ele, está presente no homem em um aspecto “imediatamente” da experiência interior ao qual a busca

² A incursão moral embutida nas relações modernas refere-se à consolidação da falência das virtudes espontâneas do homem moderno. Falência esta pela qual a sociedade europeia dissemina seu *modus operandi* de desenvolvimento, cativando dogmas que ultrapassaram os tempos, quebrando as barreiras entre as formações culturais diversas no mundo capitalista. Privilegiando aspectos *nobres*, que levam a uma elevação dos homens, Nietzsche entende que as exaltações feitas às transformações sociais modernas burguesas, juntamente com os preceitos e imposições cristãs, são a estagnação das potências e virtudes alcançadas, segundo ele, somente através dos conceitos estabelecidos por uma sociedade aristocrática.

incessante por um objeto de desejo está no exterior desta experiência, propagada pelas relações que se estabelecem entre o indivíduo e sua busca por satisfação.

Capaz de extenuar toda sua crítica à linguagem, principalmente por conta desta conceber parâmetros coercitivos para o homem, Bataille, assim como Nietzsche, concede preposições consensuais para que os textos de Adélia aqui expostos possam transgredir o controle da violência construído pela modernidade, pelo discurso moral e por toda a sua manifestação que recusa o corpo e a disposição que dele possa emergir e se exceder através do erotismo. Tem-se a exacerbação dos conceitos que se referem ao erotismo. Além de possibilitar relações com os conceitos nietzschianos, seu desenvolvimento teórico apresentado diante das relações com o corpo e com o sexo elucidará os conflitos expostos por Adélia em seus textos.

Ainda por consequência da negação do corpo erótico e da sexualidade que atingem as relações conflituosas do contexto ao qual está inserida a obra de Adélia, as transformações sociais causadas ao longo dos tempos e que se intensificaram na sociedade moderna ditam as regras do permitido e do proibido. O que de certa forma constrange a vivência poética de Adélia, em certos momentos, está facilmente relacionado com as formas contemporâneas das quais os relacionamentos e as aparências padronizadas entre o que é certo e o que é errado estão circunscritas, impostas³.

Por conseguinte, o dilema exposto diante dos conflitos e das angústias ocasionadas com o conflito entre o desejo e o interdito que limita e rege o cotidiano da vivência de Adélia, ainda por consequência do “carga muito pesado pra mulher, esta espécie ainda envergonhada” (PRADO, 2014, p. 9) será a mola que impulsionará sua poesia ao corpo e ao sexo, excedendo qualquer tipo de construção e conservadorismos que lhe possam subtrair as possibilidades.

³ Cabe aqui uma reflexão acerca das relações sociais impostas ao desejo sexual, principalmente sendo ele um desejo feminino. Adélia faz parte de um tempo em que a imposição do homem pela mulher está muito latente nos âmbitos da sociedade em que a igualdade entre os sexos não existe. As vontades femininas diante do sexo existem e algumas, de certa maneira, possibilitaram que tais manifestações fossem saciadas, entretanto “em sua maioria, as mulheres têm sido divididas entre as virtuosas e as perdidas, e as ‘mulheres perdidas’ só existiram à margem da sociedade respeitável.” (GIDDENS, 1993, p. 16).

Instinto, desejo e culpa

Trata-se da exposição cotidiana dos contextos inerentes às sensações que explodem através da linguagem adeliana e se revertem em manifestações diante do outro. Outro enquanto objeto de desejo que se estabelece como problemática diante dos contextos sociais aos quais as relações estão submersas.

O desejo erótico, em especial, é tratado de forma concisa em promoção da vida. Tem-se em Adélia a essência das possibilidades em que a busca das experiências e das sensibilidades, que cercam sua poética e se consolidam como ação frente ao acaso, promovam a construção do erotismo. Desde anseios dos mais imediatos e corriqueiros que fazem parte do dia-a-dia em qualquer tipo de relação, até das vontades íntimas que permitem a obtenção de instrumentos capazes de consumir a alma em benefício do corpo.

Espírito, se for de Deus, eu adoro,
se for de homem, eu testo
com meus instrumentos.
Fico gostando ou perdoando.
Procuro sol, porque sou bicho de corpo.
Sombra terei depois, a mais fria. (PRADO, 2014, p. 11).

É através desta relação propiciada pelo instinto e materializada na forma do corpo que Adélia expõe seu dilema ante o desejo e a culpa. Por mais que os parâmetros sociais estejam dispostos ao entrave das manifestações sexuais que pulsam instintivamente na poesia adeliana, causando-lhe um sentimento de culpa e penitência, a pluralidade de emoções que são exaladas de maneira individualizada em oposição aos aparatos e às amarras religiosas, e de submissão do desejo feminino subvertem a ordem patriarcal que é exercida socialmente, mas é interiorizada individualmente.

Através de sua genealogia, Nietzsche concede sua teoria relacionando a dualidade que existe entre razão e instinto através da mitologia grega, trazendo à tona Apolo - deus da luz, do sol, da verdade, representando a clareza, a medida, a linearidade, a equidade, o equilíbrio - e Dioniso, deus do vinho, errante, excêntrico, representando o excesso, o erotismo, a orgia, a excitação, o descontrole, a assimetria. Ao descrever os deuses gregos, tece uma analogia entre um discurso racional, intrinsecamente construído para enaltecer certa

verdade suprema e absoluta, e o que se concede de forma instintiva e emocional nos homens. Apolo é representado pela racionalidade, enquanto Dioniso pelo instinto. Partindo de uma crítica ao apogeu moderno de conceitos filosóficos e científicos que, segundo ele, se distanciam e negam as aspirações ligadas à genealogia do sujeito, Nietzsche estabelece um arcabouço metodológico no qual desconstrói uma série de valores morais extremamente caros aos fundadores da modernidade.

Nas teorias filosóficas modernas o conceito precede e subjuga o sujeito, cria e estabelece parâmetros morais, constrói verdades absolutas e impulsiona a racionalização das emoções, dos instintos e das intuições. Tais relações se consolidam arbitrariamente e são concebidas de maneira comensuráveis e passíveis de científicas cartesianas, havendo aí uma teoria do sujeito pensante. Apolo é sobreposto a Dioniso, reprimindo sua inquietude e sua destemida busca do prazer pelo prazer, pelo erro, pela inebriada elevação das vontades e das potências. Tal é o problema da modernidade para Nietzsche, a supremacia da razão, da racionalidade, dos conceitos e do discurso científico e filosófico sobre outras possibilidades e alternativas ao entendimento da realidade e das relações concebidas por esta através das emoções e das subjetividades expostas nos homens.

O cristianismo, segundo Nietzsche, carrega o propósito de “aniquilar as paixões e os apetites apenas para evitar sua estupidez” (NIETZSCHE, 2010, p. 42).

A Igreja combate as paixões com a excisão em todos os sentidos: seu procedimento, sua “cura”, é o *castratismo*. Ela nunca pergunta: “Como se espiritualiza, se embeleza, se diviniza um apetite?” – Em todas as épocas, ela colocou o acento da disciplina na extirpação (da sensualidade, do orgulho, da ambição pelo poder, da cobiça, da sede de vingança). – Porém, arrancar as paixões pela raiz significa arrancar a vida pela raiz: o procedimento da Igreja é *hostil à vida*.

(NIETZSCHE, 2010, p. 43).

Assim, a linguagem poética, que por si só já se situa estruturada de maneira a enaltecer as distorções e, de maneira geral, fugir dos padrões da estrutura linguística utilizando-se de metáforas, signos e símbolos para promover um diálogo que se aproxime dos sentimentos inerentes às experiências vividas, tem características dionisíacas em relação à estruturação da qual os textos científicos

se apropriam, podendo ser classificados como apolíneos, por assim dizer. Em Adélia, Dioniso é personificado em poesia, no cotidiano de suas relações errantes, enquanto Apolo é a construção dos limites e das regras que permeiam o contexto no qual suas relações estão inseridas.⁴

Nietzsche trata da culpa atribuindo uma condição de “interiorização do homem: é assim que no homem cresce o que depois se denomina sua ‘alma’” (NIETZSCHE, 2009a, p. 67), possibilitando sua própria dilaceração, em que limita a si próprio, castigando-se e servindo-se como inventor da própria noção de “má consciência”. Talvez neste ponto pudéssemos expor uma condição de angústia do homem ou, nas palavras de Nietzsche, um sofrimento do homem com o “homem consigo”, em que a causa de tal sentimento seria o aprisionamento dos instintos animais inerentes a ele por suas concepções racionais que lhes causa temor, apreensão e que lhes castiga incessantemente.

(...) esse tolo, esse prisioneiro presa da ânsia e do desespero tornou-se o inventor da “má consciência”. Com ela, porém, foi introduzida a maior e mais sinistra doença, da qual até hoje não se curou a humanidade, o sofrimento do homem com o homem consigo: como resultado de uma violenta separação do seu passado animal, como que um salto e uma queda em novas situações e condições de existência (...). (NIETZSCHE, 2009a, p. 68).

A relação entre culpa e dominação também se reflete na vontade de saber sobre a sexualidade⁵. Em Nietzsche, o homem é o próprio inventor da culpa, da má consciência. Tendo criado a culpa, a solução encontrada agora pelo homem é a construção do castigo. Castigar-se se torna um padrão estabelecido tanto pelo poder exercido pela religião quanto pelo poder concentrado nas

⁴ Segundo Nietzsche, as imagens são dionisíacas, fazendo parte de uma essência e de uma provocação intuitiva que se faz presente nos homens, muitas vezes representada por seus instintos, seus desejos e suas vontades. Já os conceitos apresentados pelo discurso e pela linguagem científica são parte de uma essência apolínea presente nos indivíduos, conceitos estes abstratos e universais. Enquanto Dioniso tende a criatividade, ao imaginário, ao proveito de todo e qualquer desejo possível, beirando o livre fluxo do pensamento e das possibilidades, Apolo cerce toda esta gama de levezas, de caminhos e cursos, cercando instintos, conceituando intuições e racionalizando a imaginação. Enquanto um enaltece a vontade, o outro priva o impulso. Enquanto um privilegia o acaso, o outro perpetua a rigidez. Enquanto um sacia o desejo, o outro o reprime. Dioniso é a arbitrariedade, o torto, o desproporcional. Apolo, o equilíbrio, a equiparação, simetria.

⁵ Segundo Foucault, a confissão gera uma relação de poder em que o ouvinte sempre está numa posição de superioridade em relação ao confessor. Tal relação de poder é observada em qualquer uma das circunstâncias, seja na relação religiosa, pautada por uma premissa de subjetividade moral, seja na relação moderna científica sempre pautada pela hierarquia do conhecimento racional.

próprias relações sociais cotidianas. Nas relações religiosas cria-se o hábito da confissão aos superiores eclesiásticos – padres, bispos, sacerdotes, etc. – nas relações sociais fora do círculo religioso, este hábito se mantém agora com as confissões voltadas aos médicos, psicólogos e afins⁶.

O discurso opressor do sexo é ainda mais latente quando o desejo é materializado por uma iniciativa que foge ao padrão do casamento e das relações heterossexuais. O resultado de todas essas limitações e conceituações, na visão da filosofia de Foucault, é um maior controle da sociedade e uma garantia do poder vigente. Entre os motivos para esse padrão, o filósofo francês cita o controle de natalidade e as garantias à figura da família tradicional como modelo correto do contrato social humano. O que, por conta da vivência religiosa, seria pecado e por isso passível de castigo, será antes “má consciência”. É nesta relação interiorizada de má consciência que versa o texto adeliano quando trata do desejo sexual sufocado pelo interdito. E assim como tal, a má consciência, ou culpa, é também uma construção moral – “O médico falou comigo: não coma sal se quiser viver mais. Peco, se comer assim mesmo?” (PRADO, 2006, p. 11).

Ter um corpo é como fazer poemas,
 pisar margem de abismos,
 eu te amo.
 Seu relógio,
 incongruente como meus sapatos,
 uma cruz gozosa, ó Felix Culpa! (PRADO, 2007, p. 45).

De fato, tal construção da noção de culpa como aparato para o controle e a ordem conservadora de um modelo de sociedade instituído a partir de premissas patriarcais será pano de fundo nas construções cotidianas de Adélia e, mesmo tendo possibilitado a ascensão do erótico como excesso de desejo, consoma seu dilema diante do sagrado e de sua relação religiosa que institui o conflito que perpassa toda a sua experiência íntima. A sexualidade deve tomar outra roupagem para que possa ser aceita socialmente e, de certa forma, aceita diante das amarras construídas também pela religião. O instinto sexual deve

⁶ Constituída na Idade Média na forma de pecado, a repressão ao sexo é tratada no pensamento foucaultiano como um exercício constante de punições. O que outrora era tido como infração às leis de Deus ganha no pensamento moderno a investigação e a adequação através da ciência. Enquanto a igreja controla os instintos e impulsos através das confissões e reprime – por meio das penitências – cada ato que foge ao que se é estabelecido moralmente, o pensamento moderno científico traz na figura do médico, do psiquiatra e do psicólogo o mesmo conceito confessional, marcado pelas relações de poder caracterizadas na chamada Idade das trevas.

agora tomar a forma de algo mais suave e harmônico, deve tomara forma de amor⁷.

Interdito e transgressão

A poesia erótica de Adélia é permeada por suas relações correntes diante da oposição entre corpo e espírito. Há uma linha tênue que ora distancia suas vontades e desejos pelos prazeres, ora lhe concede aspirações que possibilitam a exaltação de suas paixões sexuais. É certo que o interdito observado em suas obras faz parte de uma relação de poder exercida pela religião, assim como também reflete a capacidade que o cristianismo tem de converter as vontades inerentes a cada indivíduo em uma moral de rebanho, contudo tal fundamento capaz de dialogar intensamente com a problemática erótica de Adélia e com a questão do interdito é possibilitado pelas análises que Bataille faz acerca do sexo⁸.

Construindo um conceito sobre o interdito, a obra *batailliana* estabelece uma relação com o trabalho e com a violência, e seu surgimento estaria exposto diante da atividade sexual por conta de que em todos os contextos históricos sociais, tal atividade sempre foi pautada por regras. Assim, o homem, universalmente regrado, é um animal permanentemente “interditado”. Esta reflexão acerca de uma universalidade diante de restrições ao sexo concede o aparato necessário para as angústias de Adélia em seus escritos diante do proibido, preconizados sempre por impedimentos, normas e interdições capazes de delimitar e frear vontades e desejos que fazem parte dos instintos animais que nos pertencem.

Nietzsche já havia alertado sobre as amarras morais construídas para que os instintos sejam sufocados pela razão, assim como Foucault fornece uma análise sobre as normatizações científicas em que, através da ciência, o homem busca explicar questões que fogem a essa norma moral, chamando de “aberração” todo modelo que refute a normatização imposta e que, de alguma maneira, traga algum desconforto ou desarranjo ao equilíbrio científico.

⁷ O home deve se comportar como ser superior, e se estabelecer diante de valores superiores. No contexto da contemporaneidade através das novas formas de aceitação social, “a sexualidade tinha de ser dignificada pelo amor.” (MARCUSE, 1999, p. 177).

⁸ Bataille, assim como outros estudiosos que se empenharam em analisar os comportamentos sociais, também se ocupa em caracterizar e opor o homem do animal por conta do primeiro trabalho. Segundo ele, “em oposição ao trabalho, a atividade sexual é uma violência; que enquanto impulsão imediata, ela poderia atrapalhar o trabalho” (BATAILLE, 2014, p.74).

Os caminhos percorridos por Adélia e suas motivações que constroem os aparatos inerentes ao proibido diante do objeto de desejo só serão considerados a partir de um conflito interno que transparece em sua poesia em forma de contestação, na qual Adélia, mesmo consciente de sua religiosidade e de suas relações com a divindade, cria a possibilidade de exercer uma construção que transcende a partir do corpo e não fora dele. Em termos gerais, é no corpo e na relação entre os corpos que se dão as aspirações acerca das noções de paraíso e encantamento.

Através de um poema de Adélia pode-se verificar tal interdição diante do corpo erótico, além de uma tentativa eminente de transgressão a um sentimento de culpa e penitência religiosa em que se originam os conflitos.

A felicidade é tão grande que desperta os demônios,
os que se ocupam em gerar o medo,
pois de onde mais pode vir este pensamento sujo:
você exposto, nu,
à minha sanha de perfeição.
São teus pés que nunca vi
que ameaçam minha vida. (PRADO, 2007, p. 47).

Tal distinção e oposição de sensações e sentimentos despertados por um *pensamento sujo* é extremamente capaz de problematizar suas relações e inquietações diante do corpo, da possibilidade de acesso ao acaso e ao sexo que se propõe e se apresenta. Por conta de sua exposição a um pensamento erótico que lhe remete, além de um desejo sobre o corpo, a um temor gerado por sua influência moral cristã, a escrita adeliana conjectura possibilidades e vontades que, muitas vezes por entrelinhas, superam a sensação de culpa causada por tais interdições morais, transgredindo as relações de poder impostas.

A princípio, o interdito do qual a poesia de Adélia trata, assim como lhe causa angústia diante da noção de pecado, parece ser construído de tal modo que, mesmo profanado pelo desejo erótico, fica imaculado sob um altar intocável. Contudo, tem-se aqui apenas a suspensão de tal manifestação de impossibilidades sobre os excessos. Mesmo capaz de se opor à liberdade sexual de forma universal, o interdito explicitado em sua erótica faz com que suas relações cotidianas assumam dilemas implícitos diante da figura do outro, do oposto e do sexo. Dilemas estes caracterizados por uma postura provocativa em um sentido de fascínio frente ao acaso, ao corpo e à vontade. Deste enfrentamento poético florescerá o erotismo através da transgressão.

Bataille transfigura a fórmula que pode elucidar questões a partir de uma significação erótica diante dos cerceamentos relativos aos aspectos do desejo sexual e da própria concepção de erotismo que, segundo ele, está presente no homem num aspecto “imediató” da experiência interior (BATAILLE, 2014, p. 53), ao qual a busca incessante por um objeto de desejo está no exterior desta experiência, propagada pelas relações que se estabelecem entre o indivíduo e sua busca por satisfação.

Eis que Bataille eleva a vontade de potência nietzschiana ao conceituar a transgressão ilimitada que, motorizada pelo excesso e desencadeada pela violência, transborda o interdito e não apenas o complementa. Tal transgressão ilimitada é concebida de modo que as particularidades diante do excesso são construídas por impulsões que despertam as vontades, sejam eróticas ou não.

O homem quis, acreditou dominar a natureza, opondo-lhe geralmente a recusa do interdito. Limitando em si mesmo o movimento da violência, pensou limitá-lo ao mesmo tempo na ordem real. Mas se percebia a ineficácia da barreira que tentara oferecer à violência, os limites que ele mesmo pretendia observar perdiam o sentido que tinham para ele: suas impulsões contidas se desencadeavam, desde então matava livremente, parava de moderar sua exuberância sexual e não temia mais fazer em público e sem freio o que até então só fazia discretamente. (BATAILLE, 2014, p. 91).

Implicitamente exposto ao corpo e as associações entre a interiorização e a exteriorização das capacidades inerentes a ele, como conceitua Bataille, as imposições que causam o interdito e as expressões e manifestações que se estabelecem e sugerem a transgressão, em que “o interdito rejeita, mas a fascinação introduz a transgressão” (BATAILLE, 2014, p. 92), fazem parte das capacidades que fundamentam o jogo de contradições aos quais as manifestações de intensidade e de vontade se relacionam. Exacerbada, ora suprimida, ora potencializada diante das mais diversas expressões que se atentem ao excesso do corpo, a transgressão é possibilitada.

Ainda que todos os parâmetros estabelecidos por uma moral que sufocam as aspirações individuais e de desejo, o anseio em transgredir e tornar-se maior diante das relações da vida e das manifestações que pulsam e dizem *sim*⁹

⁹ Em Nietzsche a vontade de potência é um eterno sim à vida. Em Bataille, a transgressão suspende o interdito e, mesmo estando de certa maneira regrada, é o que promove o excesso presente nas relações.

rompem e excedem as barreiras construídas por esta moral. Assim, a vontade de exceder e o desejo com o corpo enquanto rota de acesso às possibilidades de vivências que transcendem os limites impostos tornar-se-ão o caminho traçado por Adélia enquanto construtora de linguagens que favorecem a vida.

Quero comer o mundo e ficar grávida, virar gigante com o nome de Frederica, pra se cutucar na minha barriga e eu fredericar coisas e filhos cor amarela e roxa, fredericar frutas, água fresca, as pernas abertas, parindo. Por dentro faço mel como colmeias, põe tua língua no meu favo hexágono. (PRADO, 2006, p. 10).

De maneira opulenta e com uma textura que excede as particularidades triviais dos contextos sociais, a capacidade de transgredir o interdito fica evidente na linguagem adeliana diante da promoção do excesso, e por consequência, promoção da vida. O anseio em *tornar-se mais* provoca e exposição das experiências cotidianas e transborda sensações que possibilitam o gozo ao corpo.

Erotismo, corpo e poesia

O erotismo presente na poesia de Adélia, além de sua relação com a religião católica e com a mística divina, é passível de inúmeras interpretações e análises, capacitando diferentes pontos de vistas, inclusive já instituídas em outros estudos realizados¹⁰. Aqui, trata-se da possibilidade de caracterizar as relações eróticas diante do corpo e da materialização da espiritualidade através do outro enquanto corpo sexual.

Adélia trás para a vida mundana suas perspectivas e aspirações sobre o divino e sua relação com Deus, ainda que através destas perspectivas seus anseios se apresentem perante o corpo. Diante de sua escrita é possível dinamizar o excesso de vontade em que são exercidos os seus limiares religiosos. É no corpo que as relações se dão, e é nele também que a possibilidade de consumir o desejo erótico se mostra intrinsecamente. Por conta da afirmação da vida e do anseio pela promoção dela, a poesia adeliana excede o espírito e o absorve ilimitadamente.

¹⁰ Aqui será exemplificado apenas um estudo que versa, em linhas gerais, com este artigo. Genilma Boehler, em um de seus textos sobre Adélia, concebe um erotismo capaz de exceder os caminhos tradicionais construídos pela teologia e suas relações com o corpo, com a sexualidade e com Deus. Mesmo trazendo o conceito de transgressão em sua análise, Genilma não o estabelece a partir de Bataille, construindo sua análise a partir de outro ponto de vista. Entretanto, tal artigo concede a possibilidade de progredir a discussão iniciada sobre o corpo e sua relação com o espírito através da transcendência do espírito na carne.

Exposta em tal linguagem que ultrapassa os limites estabelecidos pela religião, Adélia concebe o corpo como caminho que transcende as aspirações divinas e promulga a vida diante da vontade, mesmo que para isto haja a necessidade de subverter os paradigmas teológicos¹¹.

Bataille tem uma construção diante do corpo que se aproxima da poesia erótica de Adélia. Em sua filosofia, Deus e o corpo permeiam suas discussões acerca do homem e de seus horizontes, fazendo com que a divindade se curve ao nível mundano, se aproximando das experiências materiais. “Deus deixaria de ser essa medida inalcançável que repousa no horizonte da humanidade para rebaixar-se ao nível das certezas humana.” (MORAES, 2012, p. 174). Assim, está no corpo e nas relações concomitantes com ele a premissa para uma concepção do erótico e da possibilidade de contemplação.

Poeticamente imbuída de vontade de potência¹², o texto adeliiano surge, por assim dizer em termos nietzschianos, como conceituação que fundamenta todas e quaisquer formas de vínculos e transformações, sejam elas intrínsecas ao indivíduo ou não. Toda sua construção do cotidiano, além das manifestações empíricas que se dão a partir dos movimentos constituídos mediante a exaltação da vida, busca exceder limites, expandir-se e superar parâmetros preestabelecidos.

Com isso, Adélia sustenta sua concepção sobre Deus e a religiosidade construindo sua afirmação de vida diante da “concretiza do mundo” e das ações promovidas nele. A contemplação de Deus se dá na relação entre as coisas materiais da vida, ostentando o corpo e todas as suas vicissitudes.

Era a pessoa mais infeliz do universo se não tivesse ressurreição da carne. Mas porque tem, mesmo ficando velha e torta como tou ficando, eu saio assobiando e pulando num pé só, de tanta satisfação. Corpo é fora de série. Veja se estou errada: eu amo a Deus em espírito é com meu corpo, porque quem levita é ele, é ele quem fica extático na montanha sagrada e recebe os estigmas e as tábuas da lei. (PRADO, 2006, p. 81).

¹¹ Tais paradigmas teológicos também podem ser subvertidos através das próprias noções e interpretações estabelecidas por passagens da própria Bíblia. Em 1 Timóteo 3:16, “Deus se manifestou em carne (...)”.

¹² Segundo Nietzsche, tudo na vida busca exceder limites, expandir-se e superar parâmetros preestabelecidos. Em sua própria noção de corpo, a concepção nietzschiana encontra potência e exacerbação da vida enquanto os valores morais servem para conter os excessos e as vontades.

No que se estabelece como um impulso que promove satisfação diante dos desejos da carne, amar a Deus em espírito se torna simbólico diante da premissa religiosa sobre o corpo e o pecado. Visto que há um impedimento religioso perante os aspectos que tangem o corpo e a exaltação deste através de uma relação regrada e limitada, Adélia subverte a concepção sagrada de louvar a Deus privilegiando as sensações exaladas pelo caráter material da divindade, promovidas e privilegiadas aqui pelo corpo.

O erotismo do qual Bataille trata em sua obra é concebido através do encadeamento entre o interdito e a transgressão. Em consonância com as experiências mediante o corpo, a potência que excede no modo de pensar *batailliano* inclui a pulsão de vida e a pulsão de morte¹³, o que trás como fundamento que a aprovação da vida por meio do erotismo se dá até na morte. Talvez seja essencial que tal provocação exercida por Bataille seja vista como forma de perceber que para possibilitar a vida, algo precisa morrer¹⁴.

Minha ficção maior é Jonathan,
mas, como é poética, existe
e porque existe me mata
e me faz renascer a cada ciclo
de paixão e de sonho. (PRADO, 2007, p. 61).

Nessa tentativa de promover a vida até mesmo diante da morte, o erotismo que surge de tal relação através do corpo e das disposições postergadas por ele deve ser caracterizado diante do outro. Ora, o que Bataille trás neste sentido e que deve ser percebido na poesia adeliana é a construção desta relação que se dá com o outro. Relação esta permeada pela vida e pela morte. “Amor e morte são casados/e moram no mesmo abismo trevoso.” (PRADO, 2007, p. 51).

Pode-se aqui tomar por compreensível a violência existente nas dependências eróticas consumadas na experiência dinamizada no corpo. De modo que os seres estejam distintos um do outro há, por conta da necessidade e do

¹³ Bataille se utiliza dos gregos para conceber sua distinção entre pulsão de vida (Eros) e pulsão de morte (Thanatos). Tal dualidade, já muito estudada na psicanálise, está presente no cotidiano dos homens e possibilitam os conflitos entre amor e ódio.

¹⁴ Sobre a necessidade da morte para que haja vida, Bataille se baseia nas noções biológicas diante da reprodução assexuada em que um ser unicelular se divide, formando dois que agora não são mais o primeiro, mas sim seres novos, distintos. No caso dos seres humanos e da reprodução sexuada, para que haja o nascimento de um embrião, por exemplo, é preciso que haja a morte do espermatozoide e do óvulo, promovendo a vida.

desejo, o interesse em romper com o que Bataille chamará de descontinuidade¹⁵. Cada ser, movido pelo desejo e pelo interesse, será responsável pelo rompimento desta descontinuidade suspendendo o abismo que antes os separavam. Aí está o erotismo dos corpos, na transgressão do interdito e nas possibilidades através deste abismo. Ao passo em que os corpos são descobertos e violados, primeiramente por meio da nudez e posteriormente por conta da violação erótica das aberturas nos mesmos, a obscenidade primeira é a da violação das vestes que isolam o ser, que antes os fechavam em si próprios. Uma vez libertos, a transgressão ocorrida frente aos instintos e as vontades promovem o erotismo.

Poeticamente, Adélia permite que tal promulgação erótica dite seus envolvimento em oposição aos impedimentos religiosos, mesmo mantendo-os à sombra de suas relações. Em linguagem que ora viola, ora é violada, a cotidianidade perpassa os rumores sexuais até a consumação e o gozo múltiplo dos corpos.

Acompanhei com os dedos o desenho miraculoso do teu lábio,
contornei-lhe as gengivas,
bati-lhe no dente escuro como em um cavalo,
um cavalo meu na campina.
Pedi-lhe: faz com tua unha um risco na minha cara,
o amor da morte instigando-nos como nunca vista coragem.
Vamos morrer juntos
antes que o corpo alardeie sua mísera condição.
Agora, Jonathan,
neste lugar tão ermo,
neste lugar perfeito. (PRADO, 2007, p. 49).

Por conta do corpo e da exaltação do mesmo que pulsa com o intermédio da linguagem, Adélia permite que a essência erótica se dê na matéria, e a transcendência espiritual se consuma diante desta essência. Tal transcendência é erigida nas relações diretas com o corpo e se consolida através de noções que, mesmo a princípio possam parecer opor-se ao espírito, na verdade o promove, e é por conta desta promoção da vida através do corpo que a religião completa seu sentido e possibilita a exaltação de Deus.

¹⁵ Para Bataille, cada ser é distinto de todos os outros. Os acontecimentos particulares como nascimento e morte são de interesse único, havendo um abismo entre um ser e outro. Bataille dá o nome de descontinuidade para tal abismo.

Considerações finais

Tendo se ocupado mais diante das vivências populares a respeito do corpo e da sexualidade, Adélia Prado constrói uma teoria poética capaz de consolidar uma nova maneira de se entender as relações e experiências espirituais através da materialidade da vida. O que sua poesia expõe através de uma abordagem subversiva em contraponto a uma teologia mais tradicional, em especial construída pela Igreja Católica, é a exaltação da vida por meio da soberania do corpo ante os anseios espirituais e divinos. Tem-se através dela a possibilidade de vislumbrar uma imanência erótica que excede a transcendência espiritual, trazendo-a ao cotidiano das relações materiais. É por meio destas relações que as homenagens e a essência de Deus são louvadas.

Ler a poesia adeliana através de perspectivas conceituais como as de Nietzsche e de Bataille possibilitou esclarecer as dinâmicas que se apresentam dependentes sob a banalidade caótica e conflituosa dos comportamentos que devem seguir uma lógica baseada em interditos e regras, capazes de conduzir e limitar os rumos dos desejos associados aos instintos. Percebe-se que ao transgredir tais cerceamentos sociais, a poética erótica de Adélia consolida uma forma particular de êxtase espiritual alcançado por intermédio do corpo.

Apesar do dilema imposto pelo conflito entre as aspirações religiosas e os anseios e desejos individuais, o que se sobrepõe mediante estas relações é o corpo e as formas pelas quais serão tratadas as motivações oriundas dele. O mistério causado pelo interdito na forma de regras e moderações religiosas que privilegiam a pureza em detrimento dos acasos sexuais evidencia a contradição, entretanto permite que haja a transgressão, ainda que suas experiências sejam sufocadas também pelo fato de ser mulher, e isso fica evidente nos conflitos de seu texto, Adélia provoca os estímulos necessários para subverter o que está instituído.

A divindade passa pela vida vivida, pelo cotidiano, entre as relações com o corpo e com a sexualidade, subindo até a alma e gozando com Deus. Os orgasmos múltiplos que florescem destas junções evidenciadas na matéria exaltando o corpo em favorecimento do espírito, transcendem a religiosidade e propiciam os sabores ardentes da carne.

Diante da possibilidade de se estabelecer um diálogo entre a poesia e a filosofia através de uma dinâmica sobre as relações estabelecidas e vivenciadas

com o corpo e suas interdições morais, posteriormente a transgressões que se impõe sobre a culpa fazendo surgir o erotismo, Adélia divulga uma análise da vida enquanto vida erótica, emergindo da experiência e expelindo através da linguagem poética a celebração do corpo.

Referências Bibliográficas

- BATAILLE, Georges. **História do olho**. São Paulo, Cosac Naify, 2003.
- _____ **O erotismo**. Belo Horizonte, Autêntica, 2014.
- BOEHLER, Genilma. **Poesia, teologia e gênero: Adélia Prado e Marcela Althaus-Reid em diálogo**. São Bernardo do Campo, Umesp, Ano XI, n. 18, 2008.
- ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**, volume 1: uma história dos costumes. Rio de Janeiro, Zahar, 2011.
- FOUCAULT, Michel. **História de sexualidade: a vontade de saber**. São Paulo, Paz e Terra, 2014.
- GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade – Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo, Editora Unesp, 1993.
- MARCUSE, Hebert. **Eros e Civilização**. São Paulo, LTC, 1999.
- MORAES, Eliane Robert. **O corpo impossível**. São Paulo, Editora Iluminuras, 2002.
- _____ **Perversos, amantes e outros trágicos**. São Paulo, Editora Iluminuras, 2013.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Aurora: reflexões sobre os preconceitos morais**. Rio de Janeiro, Vozes, 2008.
- _____ **Genealogia da Moral: uma polêmica**. São Paulo, Companhia das Letras, 2009a.
- _____ **O anticristo**. Porto Alegre, L&PM Pocket, 2009b.
- PRADO, Adélia. **Solte os cachorros**. Rio de Janeiro, Record, 2006.
- _____ **A faca no peito**. Rio de Janeiro, Record, 2007.
- _____ **Bagagem**. Rio de Janeiro, Record, 2014.